

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de vários livros, como *Os Poetas do Ceará* (1911) e *Os Poetas do Ceará* (1912), com José de Alencar e Antônio de Albuquerque Maranhão.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Após o lançamento do livro, quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira edição da antologia. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a segunda edição da antologia acadêmica, ocasião em que o material foi publicado na *Revista da Imprensa Cearense de Letras*.

A REDENÇÃO DO ACAMARÉ

LEONARDO MELO

Vence a Fúria e o Desejo,
 Que se iluminam de luz,
 Das cinzas do Proconceito
 Recupera novos ideais,
 Trunfo a fim a unidade,
 Magnando a Legalidade,
 Que tem a sombra e não tem luz,
 Que um povo que se redime,
 É um exemplo sublime,
 Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
 A terra de luz e flores,
 O sol se adorna das pássaros.

ANTÔNIO BEZERRA

Antônio Bezerra de Menezes nasceu na cidade de Quixeramobim em 21 de fevereiro de 1841 e faleceu em Fortaleza no dia 28 de agosto de 1921, aos 80 anos de idade. Autodidata, dotado de vasta cultura, foi notável pesquisador de Ciências Naturais e historiador de profunda acuidade.

Iniciou-se no mundo das letras como poeta, lançando na sua juventude *Sonhos de moço*, 1872 - uma coletânea de poesias líricas. Foi cronista, jornalista combativo e abolicionista convicto tendo lutado com ardor pela extinção do cativo. Publicou em 1883 o livro *Três liras*, em conjunto com Justiniano de Serpa e Antônio Dias Martins - os Poetas da Abolição - cabendo-lhe a parte intitulada *Lampejos*. Publicações: *Maranguape - Notas de viagem*, 1885; *Horas de recreio* (coleção de folhetins), 1886; *Notas de viagem ao Norte do Ceará*, 1889; *O Ceará e os cearenses*, 1906; e *Algumas origens do Ceará*, 1918.

Foi sócio fundador da Academia Cearense. Na primeira reorganização do sodalício, ocorrida em 1922, escolheram seu nome para patrono da cadeira número 11. Nas reorganizações subseqüentes passou para patrono da cadeira 5 (reorganização de 1930) e cadeira número 4, em 1951. Membro do Instituto do Ceará, onde também foi sócio fundador, da Padaria Espiritual e do Centro Literário.

VERSOS

AWAY! AWAY!

BYRON

*Moços! uma grande idéia
Vos anima os corações,
Quereis erguer no futuro
O mais belo dos padrões!
Sim, que vos sobra energia
E tendes n'alma a magia
Que gera as revoluções;
Se a turba não vos entende
Dos moços é que depende
O destino das nações.*

*Sois poucos, mas resolutos
Cheios de crença e valor,
São nobres vossos esforços
E mais nobre vosso amor;
Amor à causa sublime
Daqueles a quem oprime
O estigma da escravidão,
A quem só coube por sorte,
Miséria e dor - té que a morte
Os livre à degradação.*

*Avante, pois, que este século
É o século de grande ação,
Repugna à luz do progresso
A idéia de escravidão;
Bem firmes no vosso posto
Oh! nunca volteis o rosto
Aos inimigos da luz,
Se vos é dura a provança
Tende no céu confiança
Que a glória ao fim vos conduz.*

*A pátria de tantas glórias
Que viu-nos livres nascer,
Embora lh'embarguem a marcha
Não pode escravos conter;
É tempo que a liberdade
Aos brados da mocidade
Erga os brios da nação,
Que igualados os direitos,
Batidos os preconceitos
Seja o escravo um cidadão.*

*Eia, moços, atônita
Vos contempla a multidão,
Vinde aqui lançar as bases
Da mais santa instituição;
Cheios de nobre coragem
Deixais na vossa passagem
Um sulco imenso de luz,
Luz que derrama vitórias,
Qu' ilustra inda mais as glórias
Da terra de Santa Cruz.*

*Seja-vos, pois, a constância
Companheira de labor,
Não tema duros trabalhos
Quem sabe lutar com ardor;
Avante! que a vossa idéia
Resume a grande epopéia
Que há de um povo remir,
Pois, já com fé verdadeira
Gravais em vossa bandeira
- Perseverança e Porvir! -*

FONTE: BEZERRA, ANTÔNIO. LAMPEJOS. IN: _____; SERPA, JUSTINIANO; MARTINS, ANTÔNIO. TRÊS LIRAS. FORTALEZA: TIP. ECONÔMICA, 1883, P. 1-3.